

# Bahia lidera em casos de picadas de cobra

O Brasil deverá encerrar o ano de 86 com déficit de 100 mil ampolas de soro anti-ofídico, segundo revelou o professor Alberto Rahde, coordenador do Sistema Nacional de Informações Tóxico — Farmacológicas do Ministério da Saúde. Rahde — que esteve ontem em Salvador atendendo a convite do Centro de Informações Anti-Veneno da Secretaria da Saúde, proferiu palestra ontem a tarde, sobre Emergências Toxicológicas — durante a qual falou sobre o trabalho dos Centros de Informações Toxicológicas e sobre a incidência de acidentes tóxicos em todo o País.

De acordo com informações divulgadas por Rahde, diversos fatores podem estar contribuindo para o elevado índice de acidentes por picadas de ofídios, entre os quais as condições ecológicas e climáticas (período de secas e períodos de enchentes) e o desbravamento de áreas rurais ainda não exploradas. Um aspecto que deve ser analisado, segundo o farmacologista, é o maior controle de informações sobre esses casos nos últimos dois anos, que pode estar inflando na elevada incidência de casos divulgados, ou seja, o número de casos pode não estar tendo um aumento tão significativo mas como existe maior controle os números aparecem mais.

**AFLITIVA** — Ele admite, entretanto, que os acidentes provocados por animais peçonhentos tem ocorrido com mais fre-

quência e, no caso das cobras, a situação se torna aflitiva pela falta de soro. Este ano, a Bahia registrou os maiores índices de acidentes e óbitos por animais peçonhentos, com mais de 600 ocorrências até o dia de hoje, sendo que 19 resultaram em óbito. Somente anteontem foram verificados nove casos e, no momento, cinco pacientes se encontram internados no Hospital Central Roberto Santos, todos vindos do interior.

A necessidade de soro antiofídico para o Brasil, este ano, seria de, a proximadamente, 400 mil ampolas. Produção, entretanto, deverá ser de 300 mil ampolas, o que representa um déficit de 100 mil ampolas. No próximo ano, conforme declarações de Rahde, o problema da escassez de soro deverá ser solucionado. "Está havendo um esforço muito grande do Ministério da Saúde neste sentido, mas, nos últimos dois anos, houve uma defasagem entre a necessidade de soro e a oferta, e esta defasagem não deve ser corrigida ainda este ano", afirmou.

**ESTATÍSTICAS** — O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas constitui-se num programa organizado pelo Ministério da Saúde, através da Fundação Osvaldo Cruz, que se propôs a criar unidades, em todos os Estados, para a coleta de informações sobre produtos e acidentes toxicológicos, desde as ocorrências mais simples, até aquelas consideradas mais

emergenciais, incluindo catástrofes provocadas por produtos tóxicos.

"Estas unidades devem procurar informações confiáveis, corretas e atualizadas, centralizando-as em tempo ágil. Para isto, devem trabalhar durante 24 horas e atuar relacionadas com entidades assistenciais, que prestarão atendimento às vítimas dos mais diversos envenenamentos", esclareceu o coordenador do sistema.

**CENTROS** — Atualmente já estão implantados 18 destes Centros, com diferentes níveis de abrangência, a depender das necessidades locais. Alguns funcionam apenas como frente de informações, outros efetuam ações preventivas, outros ainda prestam atendimento médico, como é o caso do Clave, que utiliza as instalações do Hospital Central para esta finalidade. O importante, como ressalva Rahde, é, estes Centros exercerem papel de destaque, no sentido de recolher dados da comunidade e fornecer estatísticas sobre os casos de envenenamento. No ano passado, por exemplo, os dados centralizados pelo Sistema Nacional revelaram que a primeira causa de acidentes toxicológicos são os medicamentos, seguidos pelos animais peçonhentos, produtos químicos e industriais, pesticidas agrícolas (agrotóxicos), pesticidas domésticos, detergentes e por fim, plantas tóxicas e cosméticos.